

Recensões

ao autor e agradecer-lhe, ao mesmo tempo, o ter-nos facilitado este instrumento inapreciável de pesquisa.

CARLOS DE MIGUEL MORA

Aires Pereira do Couto, *Terêncio: Formião*, Lisboa, Edições 70, 1999 (144 pp.).

É sempre com satisfação que se recebe uma nova comédia latina traduzida para o português, sobretudo para aqueles que leccionamos uma disciplina de Teatro Latino e que gostamos de que os nossos alunos dispunham de traduções para a sua própria língua, em lugar de ter de utilizar as feitas noutros idiomas. Com esta publicação, além disso, completa-se a série das obras de Terêncio, já que, das outras cinco, quatro foram vertidas para o português pelo Prof. Walter de Medeiros e uma (*Eunuco*) pelo próprio Prof. Aires do Couto.

A presente publicação insere-se perfeitamente nesta série de traduções terencianas, apresentando um formato semelhante, claramente didáctico: a versão portuguesa é precedida de uma introdução em que se explica o argumento da peça (necessário para não perder o fio da meada, tendo em conta que as histórias relatadas pelo Cartaginês costumam ser muito complexas) e esclarecida com notas de rodapé e oportunas didascálias. Apesar de breve, a introdução inclui um comentário sobre a estrutura da obra e as características das personagens que nos parece muito acertado. Com efeito, muitos aspectos de uma obra teatral podem ser descritos numa introdução (ideologia moral, convenções teatrais, métodos de composição, situações, língua e estilo, métrica), mas, perante a necessidade de restringir o estudo a poucas páginas pelas próprias características da publicação e pelo público-alvo, a melhor escolha de entre os temas a tratar é, indubitavelmente, as personagens, por ser Terêncio um autor tão preocupado em mostrar uma coerência de caracteres e uma consistente descrição psicológica. Consideramos igualmente uma boa opção do autor a colocação das notas em rodapé, afastando-se do costume das edições de versões de comédias latinas, em que as notas se encontravam no fim, pois a consulta é realizada assim de maneira rápida e cómoda. As didascálias, como dissemos, são oportunas; queremos dizer com isto que partilhamos a opinião do autor, que evita o abuso em que incorrem outros tradutores ao incluir uma abundância excessiva destas notas explicativas que, na maior parte dos casos, só traduzem uma interpretação muito particular de uma pessoa, e se afastam do espírito das obras latinas que, não possuindo outras didascálias que as referências textuais, deixavam uma grande parte de interpretação aos actores.

Recensões

No que diz respeito ao conteúdo das notas, o autor opta por dirigir a obra quase exclusivamente a principiantes, pois são normalmente concisas e simplesmente esclarecedoras de algumas passagens duvidosas.

Quanto à tradução, diremos que é correcta e de leitura agradável. Traduzir as obras cómicas gregas ou latinas é sempre complicado pela escolha que obriga a fazer ao estudioso. Com efeito, estas costumam ter um estilo ao mesmo tempo coloquial e cheio de figuras de estilo, predominando as aliteraões e repetiões, que contribuem para o ritmo do verso ao mesmo tempo que produzem um efeito cómico. Ora bem, é altamente difícil apanhar numa versão ao mesmo tempo essa linguagem diária, que até inclui calão, e os efeitos de estilo, e costuma-se optar ora por um tradução mais próxima do texto latino ora por outra que, mudando alguns efeitos de estilo por outros, apanhe o valor literário ainda que não respeite a letra da peça latina. O autor realiza, como dissemos, uma tradução impecável, mas vê-se que decidiu não tentar a recolha dos efeitos estilísticos que com certeza o teriam obrigado a afastar-se do texto e a traduzir com maior liberdade. Só para indicar alguns exemplos tomados ao acaso, indicaremos os seguintes: No verso 8, onde no texto latino se pode ler *et eam plorare, orare ut subueniat sibi*, o autor traduz por “e em que ela, a chorar, implora que ele venha em seu socorro”; parece haver uma tentativa de reproduzir o jogo *plorare/orare* com a utilização de dois verbos etimologicamente da mesma raiz (chorar / implorar), mas o efeito dilui-se e o leitor não apanha a repetião rítmica do texto latino. Se calhar uma tradução como a seguinte: “e em que ela derrama lágrimas e súplicas para que ele a assista”, mudando uma figura estilística por outra, manteria o nível artístico do original. No verso 374, a expressão terenciana *Bonorum extortor, legum contortor!* é traduzida por “Ladrão! Vigiarista!”, que apanha o sentido do texto, mas que infelizmente descura a sonoridade dos insultos latinos na boca do escravo Geta. Nestes casos talvez se tivesse podido ajustar a tradução de maneira a manter as duas condições, fidelidade ao texto latino e reprodução do efeito estilístico. Outros casos são muito mais difíceis, como por exemplo o v. 594, *Vixdum dimidium dixeram, intellexerat*, bem vertido em “mal eu tinha chegado a meio do discurso, já ele tinha percebido”, mas onde parece quase impossível reproduzir a aliteraão sonora, quase cacofónica, do latim.

Mas isto, como outras coisas, é uma opção do tradutor que, impossibilitado de reproduzir na íntegra todos os elementos do original, se vê na obrigação de suprimir alguns (*traductor traditor*). A versão do Prof. Couto tem a virtude de ser fiel ao texto sem deixar de parecer português, e não latim com palavras portuguesas, o que é de elogiar, o que converte o livro num instrumento de grande utilidade para os nossos alunos e para todos os que se interessam pela Antiguidade Clássica e pelo bom teatro de todos os tempos.

CARLOS DE MIGUEL MORA